



SEMINÁRIO DA PRAINHA: Uma Fortaleza Anti-Modernidade, Desfigurada pela Pós-Modernidade

*Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá**

Resumo: “Modernidade” e “Pós-Modernidade” são conceitos elaborados na tentativa de estabelecer fronteiras entre o ontem e o hoje. Entretanto, como o velho e o novo se confundem, ao longo da história, é possível perceber que o “moderno” e “pós-moderno” podem estar envolvidos com a história do Seminário da Prainha, considerando a sua instalação, em 1864, e as mudanças registradas, em 1965, no seio da Igreja Católica, quando os padres Lazaristas deixaram a sua direção.

Palavras-chave: História Eclesiástica; História Cultural; Igreja; Formação Religiosa.

Abstract: Modernity and post-modernity are two concepts used to establish boundaries between today and yesterday. However, past and present time mixed each other through history. For this reason, it is possible to understand that both of them can be present in the Prainha's Seminary creation, taking into consideration its foundation on 1864 and the changes that took place on 1965, when the lazarian priests let its direction.

Key-words: Ecclesiastic History; Cultural History; Catholic Church; Religion Education.

“Modernidade” e “Pós-Modernidade” são apenas alguns dos diversos conceitos, que foram elaborados no mundo acadêmico, na tentativa de melhor compreender as contradições do processo histórico, sempre marcado por resistências e rupturas. Desse modo, os conceitos definidos nem sempre são fiéis aos valores estabelecidos na sociedade do período em estudo, mas apenas nos revelam alguns reflexos do ideário e das imagens traçadas, de um passado imediato ou distante, delineados em consonância com os

valores culturais da época em que os estudos interpretativos são fundamentados.

Nos dias atuais muito se comenta acerca da “Pós-Modernidade”, embora nem sempre esteja clara uma preocupação em definir a contento a sua abrangência e o seu conteúdo, afinal não se trata de um conceito específico, restrito a uma determinada cultura ou espaço geográfico.

Se nos reportarmos ao uso do termo “Modernização” ou “Modernidade”, além das diferentes interpretações apresentadas, observa-se que cronologicamente ele se afigura em épocas bastante diferenciadas. Na verdade, qualquer que seja a proposição elaborada e por mais inovador que seja o perfil do moderno a ser analisado, ele não se liberta de amarras que o prendem ao ontem, mesmo que o objetivo almejado seja uma tentativa de ruptura com o passado.

Apesar da essência da história ser a sua constante mutabilidade, o elo estabelecido entre o passado e o presente não se desfaz, apesar dos choques e proposições impostos ou surgidos de forma espontânea. A ânsia de projetar um futuro melhor do que o hoje, superando as ilusões desfeitas no passado, faz com que o presente seja fugidio, momentâneo, mas revelador do alcance das experiências vividas na fragilidade do nosso cotidiano.

Se formos tentar definir o marco inicial da modernização, ao longo da história, defrontamo-nos com um entrelaçamento de acontecimentos e processos, que se situam em diferentes períodos da história, apesar de haver um consenso que a consolidação do processo modernizador foi registrada no século XIX, com a implantação do capitalismo, quando o crescente aumento da mão-de-obra amplia o mercado comprador e o conceito de “progresso” passa a ser “sacralizado” em um mundo que se “dessacralizava”, através da ânsia do lucro.

Desse modo, as definições de modernidade nos remetem a algo complexo e contraditório: Os ambientes e experiências modernos se cruzam todas as fronteiras da geografia e da

etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia: neste sentido, pode-se dizer que a Modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade: ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser Moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (MARX *apud* BERMAN, 1986, p.15).

Se a definição do moderno não é tão simples, mais polêmico é o conceito de “pós-modernidade”. Entre as muitas definições, o consenso apresentado a define como uma espécie da reação ao modernismo ou distanciamento dele. Entretanto, “Como o sentido de modernismo também é confuso, a reação ou afastamento conhecido como “pós-modernismo” o é duplamente” (HARVEY, 1992, p. 15). Com a chamada “Pós-Modernidade” não apenas se torna palpável a fragilidade das utopias, oriundas do Iluminismo, mas o próprio ímpeto revolucionário do pensamento socialista, que insistiam na força do movimento operário, na história atual. Como o velho e o novo se confundem, no ontem e no hoje, é possível associar a discussão sobre pós-modernidade com o histórico da própria modernidade, considerando que os marcos cronológicos de qualquer movimento não se limitam a um modelo universal, pois a essência das culturas é que elas são plurais.

A princípio, o tema “Religião e os Desafios da Pós-Modernidade” me parecia distante de minha proposta de pesquisa em andamento: “Seminário da Prainha: uma outra Fortaleza”, mas o próprio subtítulo do Encontro “Diversos Olhares” me estimulou a situar a referida pesquisa na programação, afinal a pós-modernidade não significa a destruição do legado da modernidade, mas a percepção da simbiose entre o ontem e o hoje, na ânsia de amanhã melhor.

Através de um roteiro histórico, percebe-se que a instalação do Seminário da Prainha, em 1864, pelos Padres lazaristas significou um passo decisivo no processo de “romanização”, a cargo da Igreja Católica. O inimigo do sagrado se configurava

através do rolo compressor do processo de modernização, impulsionado pela expansão capitalista, apesar de o Brasil ainda ensaiar os seus primeiros passos, limitando-se em muitos casos às capitais das Províncias.

É verdade que o processo de implantação das melhorias urbanas, na maioria das cidades brasileiras, ocorreu nas últimas décadas do século XIX, mas a segunda metade significou uma etapa decisiva, em virtude das mudanças registradas nas relações econômicas e sociais: a proibição do tráfico negreiro; a expansão da economia cafeeira e o início do fluxo migratório, das Províncias do Norte às “Províncias do Sul”, - especialmente em relação à mão-de-obra escrava, são apontados como demonstrativo da “modernização” no Brasil¹.

Como mostra das diferenças, entre as duas metades do século XIX, é importante confrontar o teor da primeira, com a força do seu perfil agrário, quando a maioria das cidades brasileiras representava um apêndice do campo, apesar do controle administrativo nelas instalado, bem diferente da segunda, associada ao processo de urbanização, que dera seus primeiros passos com a instalação do aparelho burocrático do governo provincial e o surgimento de novas funções administrativas e sociais.

As idéias de modernização, provenientes da Europa, facilmente se propagavam pelo país, pois essas idéias liberais moldavam o perfil do “novo indivíduo”, protegido pelos direitos que lhe garantiam a defesa da sua liberdade e de seu poder expressão. Aos poucos, novos espaços surgiam, sob a sombra do modelo liberal europeu, apesar das raízes da sociedade patriarcal.

A oposição ao avanço do liberalismo, alimentado pela expansão do movimento maçônico, enfrentava a reação da Igreja Católica, que no Brasil pode ser divisada através da instalação dos

¹ Para uma melhor compreensão das diferenças entre o Brasil da primeira e da segunda metade do século XIX, vide MANCHESTER, 1973 e GRAHAM, 1973, em especial, os capítulos 1 e 4: o início da modernização no Brasil, p. 31-58 e Os hábitos urbanos de vida, p. 117-129.

Seminários. D. Luís Antônio dos Santos, Primeiro Bispo da Diocese de Fortaleza, ao instalar o Seminário da Prainha, em 1864, confiou a sua direção aos Padres da Congregação da Missão, Os Lazaristas, de origem francesa, pois partilhara da austeridade e rigidez moral dessa ordem religiosa, quando fora aluno do Seminário do Caraça, em Minas Gerais.

Em Fortaleza, a decantada modernização se apresentava em passos lentos, apesar de autoridades provinciais reconhecerem a necessidade de melhorias no processo de urbanização. Só no final do século XIX, mais precisamente no decorrer dos anos oitenta, o processo de urbanização se materializou, com a implantação dos serviços urbanos, como os bondes de tração animal pela Companhia Ferro Carril; a inauguração do primeiro pavimento do passeio Público, na antiga Praça dos Mártires, defronte à Santa Casa de Misericórdia, como novo espaço de sociabilidade da elite e do povo. As duas alamedas, nela instaladas, exibiam as diferenças sociais da cidade, seguindo um fluxo, em vias paralelas. Também no final dos anos oitenta foi inaugurada a primeira Fábrica de Fiação e Tecidos, pelo Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, de tradicional família.

Apesar do pouco número de trabalhos escritos sobre o Seminário da Prainha, várias são as indagações que se apresentam: a sua instalação deve ser considerada como um dos passos iniciais da modernização urbana de Fortaleza? Uma prova desse processo? No meu entender, tal generalização não corresponde à realidade, se considerarmos os contrastes, tão presentes nas experiências históricas. É preciso destacar que a direção do Seminário foi entregue aos conservadores Padres da Ordem Lazarista, agentes de uma mentalidade moralista, que representava uma trincheira ante a Fortaleza laica, campo propício à assimilação das idéias provenientes do liberalismo burguês, presente na ação dos adeptos do protestantismo.

Para compreender o impacto da modernização e ao mesmo tempo a generalização a que tal conceito nos remete, é útil também evocar os lampejos do “pós-modernismo” na produção

historiográfica atual contrária aos determinismos, segundo a prática de novas abordagens. Desse modo, para fugir a um esquema tradicional, na tentativa de definir o que é “moderno” ou “pós-moderno,” é imprescindível considerar que múltiplos, também, foram os agentes da modernização implantada, cuja configuração se expressa no confronto entre os parâmetros educacionais dos Seminários e as práticas da laicização, considerando a “multiplicidade de discursos”, fugindo ao velho anseio de confirmar verdades reveladas (Cf. MALERBA, 2006, p.12 e 13).

Na realidade, a instalação do seminário, considerada na linguagem corrente como um marco inicial das mudanças registradas na cidade, com destaque na formação cultural da juventude cearense, se impunha como uma barreira contrária à “modernização nacionalista”, a cargo do Estado que, ao assumir as primeiras atividades na área da educação, não mais se opunha ao avanço da laicização da sociedade.

Desse modo, a defesa das verdades teológicas constituía um escudo à ameaça das idéias modernizadoras, conforme se constata através da opinião do Bispo Diocesano, D. Manuel da Silva Gomes, em carta destinada ao Papa Pio X, após o Congresso Eucarístico, realizado em Fortaleza algumas décadas após a instalação do Seminário da Prinha:

Tam in Clero quam in Seminariis catholicis institutis sanam vigere doctrinam. (Tanto no Clero quanto em Seminários ou outros Institutos Católicos floresce uma doutrina sã). Nem por isso devemos ignorar o que seja modernismo; pode aparecer entre nós e sabê-lo reconhecer e refutar é obrigação nossa, como até de todo cristão instruído (CORREIO Eclesiástico, 1914, p. 26).

Na verdade, as raízes da romanização remontam ao Concílio de Trento, mas ela foi bem mais além, ressurgindo ou sendo revigorada, dependendo dos embates a serem travados, no firme propósito de manter a unidade e a centralização da Santa Madre Igreja. Mas se o século XIX e as mudanças com ele advindas levaram a um reconhecimento da romanização que, visando moralizar o clero e restabelecer a convicção em prol do valor do

celibato, se tornaria mais urgente, nas suas últimas décadas, em virtude das mudanças registradas no cotidiano urbano e no panorama sócio-cultural do país.

O próprio sistema econômico, consolidado como expansão da Revolução Industrial, na Europa, tinha como seu agente decisivo a iniciativa privada, sempre ansiosa por lucro e defensora do livre arbítrio. Por isso, mais receosa ficava a Igreja Católica, em virtude dos responsáveis por tais mudanças serem britânicos e, portanto, protestantes, definidos como incentivadores de uma reação à força da Igreja católica na sociedade da época.

A luta dos soldados da fé deveria ser direcionada em duas frentes: a primeira, contra a laicização, alimentada pela influência das idéias liberais, consagradas com a difusão da teoria de Spencer e do evolucionismo de Darwin, definido com o uma atentado à incontestável ação da Igreja na origem e evolução do universo. A segunda seria o combate à expansão do protestantismo que, no Ceará, deu seus primeiros passos, a partir dos anos setenta, através da ação dos missionários da Igreja Presbiteriana, encarregadas de “[...] propagar as Escrituras, bem como proceder à distribuição de bíblias, pela venda ou doação” (GADELHA, 2005, p. 69).

Fortaleza ainda era uma cidade provinciana, de pouca expressão no cenário urbano regional, quando da instalação do Seminário, apesar do seu crescimento populacional, alimentado pela migração proveniente do interior; provavelmente um pólo urbano diferente daquele narrado pelo inglês Henry Koster, que visitou Fortaleza em 1810, mas que mantinha certos traços de uma “bucolica urbs”. Nessa época, a capital cearense enfrentava vários problemas: a sua instalação em um terreno arenoso, além da ausência de um rio, que pudesse ser melhor utilizado, e também de um cais, pois os navios ficavam ao largo, à espera de barcos para o desembarque de mercadorias e de passageiros, em virtude das ondas consideradas violentas, que tornavam difícil o simples ato de subir e descer nos navios. A ausência de transportes urbanos, as residências com apenas o pavimento térreo, ruas e praças não calçadas definiam a cidade. Destacavam-se apenas o “Palácio”

Governmental, os prédios da Câmara e da Tesouraria e outras pequenas edificações, como a Alfândega e três Igrejas. Em síntese, a cidade contava com apenas 1.220 habitantes, quatro ruas centrais e um comércio restrito (cf. KOSTER, 1942, p. 34-7,165-7 e 179)².

Entretanto, o Seminário da Prainha, uma outra Fortaleza, instalada em 1864, antes da expansão das Igrejas Protestantes, situava-se fora do centro urbano da capital cearense, mas a ela se voltava, como uma trincheira, que isolava os soldados de Cristo do pecaminoso mundo laico, pois lá eles eram treinados a fim de se tornarem padres seculares, preparados para combater a secularização.

Para compreendermos o significado do prédio do Seminário, no espaço urbano do século XIX, nada melhor do que a descrição de Antonio Bezerra de Menezes, um autor dessa época:

Situado no bairro do Outeiro da Prainha, ao lado leste da cidade, por sua posição sobre a colina, a poucos passos da praia, se apresenta alteroso e imponente a quem o vê do mar com a sua espaçosa fontaria de 24 janelas, tendo ainda à esquerda a linda capela de Nossa Senhora da Conceição (MENEZES, 1895, p.118-290)³.

A documentação disponível sobre o seminário é escassa, presente apenas em um pequeno acervo, disponível no prédio da própria instituição, onde hoje funciona o Instituto de Ciências Religiosas – ICRE –, mantido pela Arquidiocese. Além dos documentos, dos artigos, das notícias, referentes ao Seminário, na produção acadêmica apenas duas dissertações foram a ele dedicadas⁴.

²cf. também KIDDER, 1951, p. 137 e 141; AGASSIZ ; AGASSIZ, 1938, p. 530-2 e JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Ocupação e evolução do espaço urbano de Fortaleza: origem e formação. *In*: 2003, p.27-40.

³ Ver, também, o relançamento com introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992, p. 91.

⁴ A primeira, embora não se concentre apenas no histórico do Seminário nos traz valiosas informações sobre a ação da Igreja Católica no século XIX: REIS, 2000 e COSTA FILHO, 2004.

Por isso, optamos em recorrer à oralidade, como metodologia a ser mais explorada, além do desejo de estabelecer um elo entre estes dois momentos históricos do Seminário: 1864, quando da sua fundação e 1965, ano em que os Padres Lazaristas entregaram a sua direção à Arquidiocese. A coleta de depoimentos teve início há mais de cinco anos, mas o trabalho foi interrompido, em virtude de uma outra pesquisa, quando nos submetemos ao concurso de professor titular, do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará.(UECE).

Dos dez entrevistados, quatro continuam exercendo as funções sacerdotais, quatro desistiram da carreira eclesiástica e dois são ex-seminaristas⁵. Se a saída dos Lazaristas, da Direção do Seminário, permanece como uma questão ainda não respondida a contento, outras indagações vem à tona: será que o perfil delineado pela tradição – que sempre definia o Seminário como templo do saber, superior a todas as demais instituições de ensino existentes na capital – expressa uma memória social? Se todos os entrevistados foram unânimes em reconhecer a importância cultural da Instituição, outros depoimentos não poderão revelar os limites ou as contradições dessa função?

As indagações apresentadas, à cata de explicações, se ampliam em especial quando situamos o segundo período da história do Seminário, em princípios dos anos sessenta, no momento em que a ânsia de modernização da Igreja ia além dos propósitos estabelecidos, pois eles se configuravam em ações dissonantes do perfil sacerdotal aspirado pelos lazaristas, mas demonstrativos da aplicação de uma nova pastoral, apoiada nas decisões do Concílio Vaticano II. Desse modo, esses questionamentos não levantados ou mesmo não respondidos são reforçados ante a opção metodológica da memória social, que nos apresenta a oportunidade de constituir um coral maior, com várias

⁵ O resultado dessa fase inicial do trabalho foi publicado no seguinte artigo: Na trilha das fontes, relativas ao Seminário da Prainha, a descoberta das dimensões da oralidade. **Humanidades e Ciências Sociais**, v. 2, n.2, 2000, p. 35-42.

vozes, coesas ou dissonantes, mas reveladoras da pluralidade de olhares e de testemunhos históricos.

Na busca de uma compreensão do declínio do Seminário, como um santuário do saber e da formação dos soldados de Cristo, a nossa opção metodológica condiz com a exploração do alcance da história oral, onde o individual e o coletivo se entrecruzam na expressão da memória Social.

A polêmica saída dos Padres Lazaristas, da direção do Seminário, em 1965, época do Concílio Vaticano II, deixa uma série de indagações: qual teria sido a força maior que motivou a decisão daquela ordem religiosa em renunciar ao cargo que, durante quase um século, estivera sob a sua responsabilidade? Por que a saída dessa ordem religiosa ocorreu um ano antes da comemoração do centenário da instituição?

Se as delimitações da modernidade são flexíveis ou mesmo atemporais, o mesmo pode ser atribuído à pós-modernidade. Por isso, sem querer apegar-me a um corte radical, o melhor é perceber que o moderno e o pós-moderno podem estar envolvidos com a história do Seminário da Prainha, seja quando da sua instalação ou mesmo com as mudanças registradas que levaram à saída dos Padres Lazaristas da sua direção.

Referências:

- AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. C., *Viagem ao Brasil: 1865-1866*, São Paulo: Nacional, 1938. p. 530-2.
- BERMAN, M., *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade*, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CORREIO Eclesiástico – publicado por ordem do Exmo. Revmo. Bispo D. Manuel da Silva Gomes, Anno II, n. 10, mar. 1914.
- COSTA FILHO, L. M. da, *A inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na romanização do Ceará (1864-1912)*, Fortaleza: 2004, Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.
- GADELHA, F. A. de L., *O Ceará na trilha da nova fé: o Presbiterianismo no Ceará, (1883-1930)*, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, UECE, 2005.

- GRAHAM, R., *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1973.
- HARVEY, D., *Condição pós-Moderna*, São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 2, n.2, 2000.
- JUCÁ, G. N. Mota, Ocupação e evolução do espaço urbano de Fortaleza: origem e formação, In: _____. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza*, 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003. p.27-40.
- KIDDER, D., *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, províncias do Norte*, São Paulo: Martins, 1951.
- KOSTER, H., *Viagens ao Nordeste do Brasil*, São Paulo: Nacional, 1942.
- MALERBA, J., *A história escrita: teoria e história da historiografia*, São Paulo: Contexto, 2006.
- MANCHESTER, A. K., *Preeminência inglesa no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1973.
- MENEZES, A. B. de, Descrição da Cidade de Fortaleza, Rev. do Instituto do Ceará, Fortaleza, n. 9, 1895.
- REIS, E. Cavalcante, *Pro animarum salute: a Diocese do Ceará como “vitruve” da romanização no Brasil (11853-1912)*. Rio de Janeiro: 2000. Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

**Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá*
Doutor em História Social/USP,
Professor Titular do Curso de História/UECE.